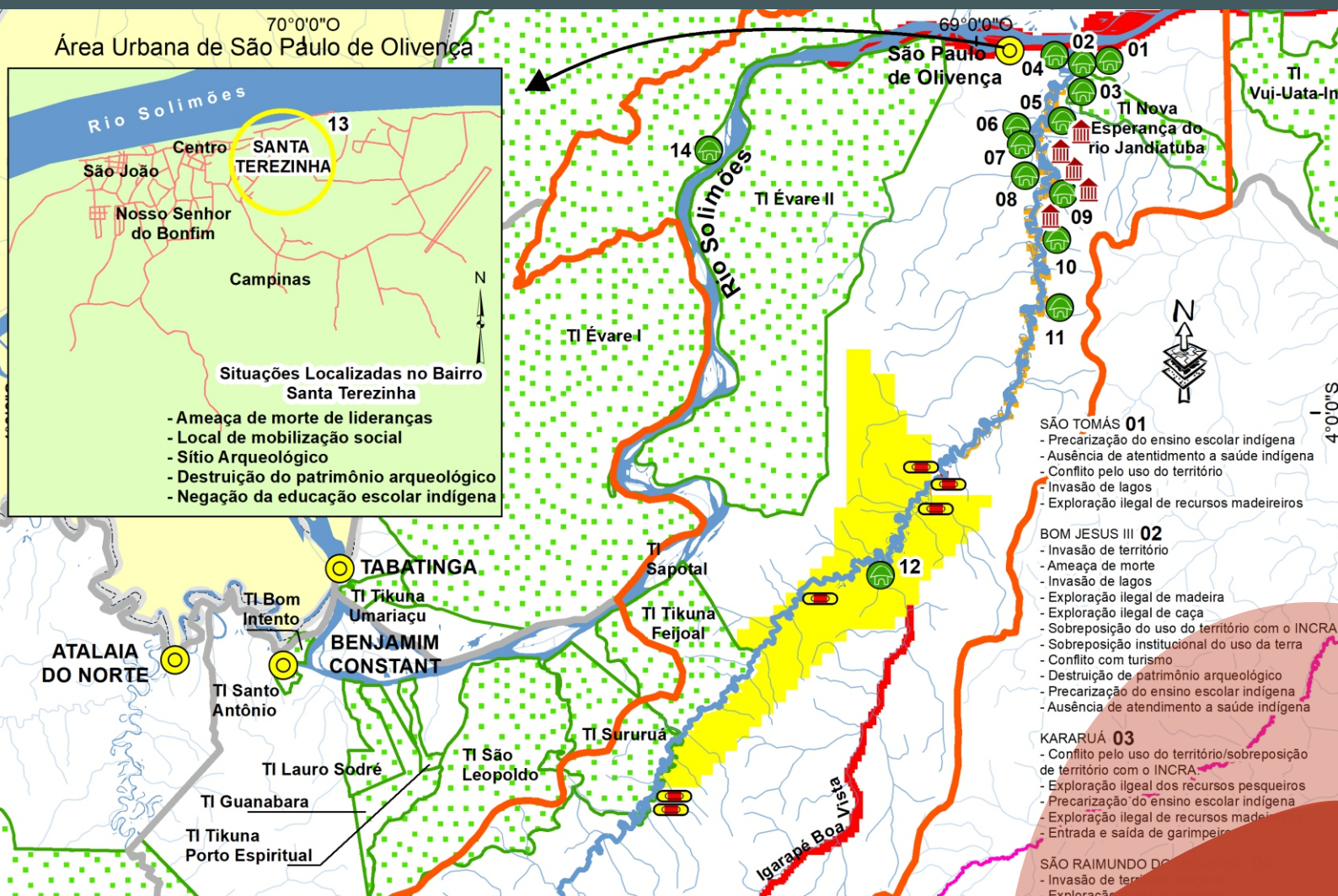


POVO OMÁGUA KAMBEBA: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E RESISTÊNCIA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO ALTO SOLIMÕES



Boletim Informativo

Edição Março de 2020

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

Agencia Financiadora: Climate and Land Use Alliance – CLUA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM:

Laboratório de Cartografia Social da Amazônia
Reginaldo Conceição da Silva

EQUIPE DE PESQUISA DE CAMPO:

Matheus Acosta da Silva
Fabiana da Silva Martins
Maria Rita de Cássia Lima da Silva
Pedro Henrique Coelho Rapozo
Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês
Jailson Franco Aguiar

EQUIPE DE PESQUISA DE LABORATÓRIO:

Rodrigo Oliveira Braga Reis
Antonia Ivanilce Castro da Silva
Reginaldo Conceição da Silva
Taciana de Carvalho Coutinho
Jonas Dias de Souza
Claudemar Oliveira Rodrigues
Runis de Araújo da Silva
Brian Angelo Sandoval Sanches
Armando Freire da Costa Neto

EDIÇÃO:

Reginaldo Conceição da Silva
Pedro Henrique Coelho Rapozo
Matheus Acosta da Silva
Brian Angelo Sandoval Sanches
Murana Arenillas Oliveira

TRANSCRIÇÃO

Matheus Acosta da Silva
Maria Rita de Cássia Lima da Silva
Brian Angelo Sandoval Sanches
Fabiana da Silva Martins

FOTOGRAFIAS E ENTREVISTAS

Matheus Acosta da Silva
Maria Rita de Cássia Lima da Silva
Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês
Jailson Franco Aguiar

CAPA/PROJETO GRÁFICO: Murana Arenillas

FOTO DA CAPA: Apresentação final dos participantes. Acervo:
Laboratório de Cartografia Social de Tabatinga. Março de 2020

Apoio logístico: Eriki Aleixo

Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

CARTOGRAFIA:

Luís Augusto Pereira Lima
Janilson Gonçalo Rubem
Jailson Franco Aguiar
Mateus da Silva Teixeira

REVISÃO CARTOGRÁFICA:

Reginaldo Conceição da Silva
Pedro Henrique Coelho Rapozo
Luís Augusto Pereira Lima

REALIZAÇÃO: MOVIMENTO INDÍGENAS KOKAMA-OMÁGUA DE SÃO PAULO DE OLIVENÇA (06/2019 - São Paulo de Olivença e 02/2020 - Tabatinga)

Adriene Costa Lauriano
Amarildes Gaia De Souza
Cristovão do Rei Sá
Eronilde de Souza Fermin
Evair Gonçalves Costa
Francirley da Costa
José Jesus Seabra
Marai Arcanjo Seabra
Maria Jose Almeida Costa
Marinalva Seabra Ramos
Melquides Ventura Neto

Raimunda Muraiare de Souza
Raimundo Bermuldo Loureano
Raimundo Negreiro Loureano da Silva
Rodrigo Maia da Silva
Silvano Nonato da Silva
Socorro Macal Rodrigues
Valdeney Rabelo da Silva
Clemente Peres Morais
Jesoína Rabelo Morais
Josias Rabelo Morais
Clovis Rabelo Morais

APOIO:

Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia – NESAM-UEA.
Núcleo de Etnoecologia na Amazônia Brasileira – NETNO.(INC/UFAM)
LACED/PPGAS/MN
Diversidade, Biologia, Química e Conservação de Recursos e Ecossistemas Amazônicos
(INC/UFAM)

PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Povo Omágua Kambeba: mobilização política e resistência nos territórios indígenas do Alto Solimões. – N. 11 (março. 2020). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Reginaldo Conceição da Silva

ISSN: 2675-2263

1. Povos indígenas. 2. Conflitos. 3. Amazônia. 4. Mobilização. I. Título.

POVO OMÁGUA KAMBEBA: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E RESISTÊNCIA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO ALTO SOLIMÕES

“ O povo Omágua (Kambeba) do Alto rio Solimões Município de São Paulo de Olivença - Amazonas: Resistência, existência e mobilização política.

Os povos Omágua foram e são habitantes da região do Alto Solimões no Amazonas, onde se localizavam os territórios de Aparia (Apariwa), nosso ancestral líder geral que comandava no século passado toda nação Omágua (denominada pelos colonizadores de Kambeba, ou cabeças-chatas), vale destacar que toda essa região nessa época já foi um único território sem fronteira, que se estendia por toda essa região hoje do Brasil, Peru e Colômbia localizado no rio Surimã ou Marañõ atual rio Alto Solimões, se estendendo por todo o rio Napo hoje território Peruano e também parte do território Colombiano. Vale dizer que essas áreas eram uma única região, que com o contato dos invasores colonizadores foram divididas passando a serem consideradas de países diferentes nessa região de tríplice fronteira.

O atual Município de São Paulo de Olivença, no passado chamado de província dos Omáguas, concentrava em suas terras significativos contingentes deste povo assim como seus líderes que comandavam toda a nação do povo Omágua em aliança com seu grande chefe maior Aparia (Apariwa). Neste tempo esse lugar era uma aldeia chamada de Tawa'y (barro das águas) que, devido à defesa de suas formas de viver e organizados com autonomia sociocultural, não agradaram os invasores colonizadores que a qualquer custo desestruturaram seus modos de vida a ponto de enfraquecê-los e dominá-los a fim de explorar suas riquezas naturais.

Os conflitos ocorridos evidenciaram lutas e resistências por parte dos Omáguas, com esse contato vieram as perseguições de ambas as partes, doenças, violências e muita morte desse povo guerreiro. Por esse motivo, esta região com número menor de povo foi chamado pelos viajantes de Taweté ou Uté (águas pequenas), o povo Omágua por resistir e defender suas terras à frente de uma dura batalha restaram poucos, os que sobreviveram reuniram suas famílias e ficaram em pequenos grupos às margens do rio Solimões sob os cuidados da igreja católica, sendo

catequizados na língua portuguesa e invisibilizados em sua cultura e história.

A identidade Omágua e toda sua particularidade também sofreu os mesmos danos por tais invasores, contudo ainda permanece viva no município de São Paulo de Olivença, território ancestral de nossos povos. A aldeia Wakariazal (chefe de muitas cabeças), hoje denominada de bairro Santa Terezinha devido à forte influência religiosa, concentra vestígios históricos, arqueológicos e linguísticos de nosso povo. Na antiga aldeia Wakariazal houve resistências, os idosos sempre falavam a língua às escondidas e contavam para seus familiares suas memórias históricas que sempre foram passadas oralmente e que hoje estão guardadas em nossas memórias, foi assim que hoje sabemos quem somos.

Para nós povo tradicional Omágua, continuamos em nossa aldeia e dentro de nosso território de onde jamais saímos, na medida em que pedimos respeito das esferas governamentais e a quem mais interessar para que respeitem nossa realidade e forma de organização social que vivemos desde o passado até os dias atuais como manda a nossa cultura assegurada em nosso protocolo cultural de consulta.



Indígenas sinalizam local de conflitos recentes na Comunidade.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social de Tabatinga. Março de 2020.

Reivindicamos que todas as autoridades possam consultar-nos garantindo nossos direitos sociais e territoriais para vivermos em paz em nossas terras Omágua (Kambeba) hoje denominadas de Tuyuka I e Tuyuka II, por onde se estende nosso povo amparado pelo movimento organizado em conformidade com nosso PROTOCOLO OMÁGUA (KAMBEBA).

Nesse contexto menciono que as cerâmicas ou urnas funerárias do Povo Omágua deixadas nas terras no Alto rio Solimões, e que também se estendem por todos esses lugares já mencionados anteriormente, são vestígios e comprovações deixadas pelos nossos ancestrais que de uma forma direta nos dão segurança que a terra é nossa. Para nosso povo todas essas urnas encontradas nesses solos tem uma conjuntura de valores primordiais envolvendo sentimentos profundos que descrevem as primeiras formas de comunicação do nosso povo através dos grafismos contidos nos materiais encontrados, sendo fundamentais para nossa comunicação o reconhecimento de nossa cultura.

Esses artefatos são para nós do povo Omágua, muito mais que apenas uma peça antiga milenar para enfeitar os museus como pensam os homens não-indígenas que ferem nosso sentimento arrancando da terra as urnas funerárias dos nossos santuários sagrados chamados por eles de sítios arqueológicos, esses lugares são sagrados porque é lá que estão plantados os restos mortais de nossos familiares, líderes e pessoas do nosso povo que são nossas raízes, são nestes santuários que buscamos força e energia positiva para continuarmos nossa caminhada de lutas.

Friso que nos tempos atuais enfrentamos muitos desafios e conflitos devido à destruição desses santuários pelas elites não indígenas locais, que se julgam donos de tudo porque possuem poderes políticos e econômicos associados ao interesse de lucrar, retirando matérias-primas como os minerais que estão nos solos e rios destes territórios. Muitos santuários foram destruídos por eles, que pensam também que destruindo podem apagar uma história e se apossar das terras.

Para nosso povo não perder totalmente esses valores considerados importantes, tomamos a iniciativa autônoma de preservar estes materiais, criando um acervo onde estamos conservando as cerâmicas danificadas pelos invasores. Estes utensílios em sua maioria utilizados pelas antigas famílias Omáguas, compõem hoje nosso acervo de memórias e histórias culturais que serão importantes para futuras gerações.

Hoje, o povo Omágua passa a lutar bravamente para revitalizar sua língua e cultura, a partir dos anciãos que ainda estão vivos. Desde então estamos trabalhando passo a passo para manter nossa cultura, sobretudo valorizando nossas fontes que são nossos idosos.

Diante de muitas lutas, a partir de 2011 conseguimos inserir nossos saberes no componente curricular educacional das escolas indígenas locais. O ensino da língua materna e de nossa cultura permite o reconhecimento de valores para nós povo Omágua para que não haja controvérsias e desentendimentos sobre nossas histórias. Estes saberes também são mantidos entre as famílias atuais, contudo sabemos que não é fácil, mas vamos lutar para que no futuro todas as crianças que hoje passam por esse processo possam ser transmissores desses conhecimentos, repassando para seus sucessores o sonho de muitos esforços coletivos que se tornam realidade a cada dia.

Atualmente resistimos através da valorização de nossas memórias, e assim recusamos opiniões destrutivas que não venham somar com nosso pensamento em conjunto do nosso povo, pois tudo que temos até hoje são fontes que vem de memórias vivas que são repassadas de geração para geração oralmente e guardadas em nosso cotidiano.



Apresentação e atualização dos conflitos no Rio Jandiatuba.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social de Tabatinga. Março de 2020.



Explicação sobre o processo de atualização dos Mapas Situacionais do povo Omágua.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social de Tabatinga. Março de 2020.

Menciono com grande afirmação que somos Omágua os filhos das águas, heranças e raízes dos nossos primeiros ancestrais, diferente do que afirmam alguns pesquisadores que em suas teses desconhecem e invisibilizam nossas lutas sem de fato saberem de nossa história verdadeira. Nossa língua está viva e a partir do que temos lutamos pela nossa cultura pois temos decisão própria. Desta forma nos reconhecemos fortemente e valorizamos as formas de existência culturalmente históricas dos mais velhos, considerando seus conhecimentos, o que nos revela com bastante entusiasmo que somos antropólogos e arqueólogos de nossa própria história.

Queremos nós mesmos ser a mão que irá escrever a nossa própria história, que revela e fortalece a nossa identidade de povo Omágua moradores do Alto Rio Solimões no município de São Paulo de Olivença no estado do Amazonas. Pois, de forma árdua e incansável lutamos constantemente por políticas públicas voltadas a demarcação de nossas terras, lutamos pela educação diferenciada e específica, assim como pelo acesso a universidade, lutamos em favor da saúde diferenciada, assim como pelo direito à consulta e respeito, elementos importantes e decisivos para a inclusão social de nosso povo. Diante deste contexto, todos os Omágua juntamente com suas lideranças gerais, organizações e comunidades locais resistem para defender suas terras e todos os tipos de vida que nela existem com a esperança de um futuro melhor para todos. //

(Eronilde de Souza Fermin Omágua, Wakara Tuyuka Kwema, Ywaka Tuxawa)
Cacique Geral do povo Omágua São Paulo de Olivença- Alto Solimões Amazonas



REAFIRMAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA NAS COMUNIDADES KAMBEBA

“ Bom, à cultura bem dizer, porque não existia cultura na nossa comunidade. Não existia por não dá a existência da comunidade como Kambeba. Agora foi reconhecido como comunidade Kambeba e aí a gente está resgatando a cultura como é para fazer. Muitas aí tão vendo se a gente consegue uma pessoa né 'pra' cerâmica 'pra' fazer os matérias de barro então é uma coisa que a gente 'tá' procurando adquirir essa cultura que tá perdida, tem muita gente que não sabe quantas culturas sobre tecido, tem alguns 'tecidinho' tão procurando, tem gente que já sabe, agora esses e outros foi perdido totalmente, porque na própria escola bem velhinha mais podia ter alguma coisa de cultura que não tem mais... só como eu sempre estou falando que se deve empenhar mais 'pra' mostrar a cultura quando vem uma pessoa de fora ... ninguém vem mais aqui porque não é uma comunidade indígena que não tem cultura nenhuma né, os que procura, hoje em dia que passa pela comunidade é isso que não é seguro. ”

(Amarildes Ribeiro de Souza)

Liderança Indígena

IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL



Elaboração coletiva dos croquis.

Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

Discussão sobre o desenvolvimento dos croquis.

Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

“ Eu acredito que, as oficinas nos fortalecem muito como povo indígena, por estamos unidos falando dos nossos problemas. Nessas oficinas temos uma visão mais ampliada dos problemas que nos rodeiam. ”

(Melquides Ventura Neto)

Liderança Comunitária

CONFLITOS COM GARIMPOS EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS

“ Bom, o garimpo (...) tem uns [garimpeiros] que tão trabalhando. Porque tem! Ai por trás 'tão' entrando. Porque a gente anda por aí, porque né? A gente vai 'pra' roça, aí a gente vê nos igarapés que as pedras [estão] movidas, que a água as vezes 'tá' toda suja. Agora, ninguém sabe quem [são] essas pessoas, que 'tão' por aí. Ninguém sabe se entra pela mata ou entram por outro canto. Mais sempre a gente vê um monte desses... de ter esse negócio de garimpo. ”

(Amarildes Ribeiro de Souza)

Liderança Indígena



Apresentação dos principais problemas envolvendo o território do povo Kambeba de São Paulo de Olivença.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

“Pois é. Aí entrou o garimpo, né? Aí o garimpo sim, o garimpo até com o Prefeito, eu fui lá falei. (...) Não, não. Tinha quer dizer quando ‘tava’ todas as dragas, né? Aí eu fui lá, abordei tudo (...). Tem, tem que o prefeito deixou ainda o garimpo dentro (...). A água desce é só puro combustível e óleo queimado, né? Eles ‘tão’ dentro do Jutaizinho, dentro do igarapé Preto. (...). Atinge os peixes, atinge tudo. (...) Daí eu fui lá em São Paulo [de Olivença] e disse pro prefeito: “Paulo Mafra. Eu, só tem uma coisa. “eu tirei quarenta votos ‘pra’ votar em ti. ‘pra’ ti tirar esses garimpeiros daqui de dentro, que o

‘Nato’ deixou... já o garimpo dentro”. E “eu pensei que tu ias ganhar ‘pra’ tirar esse garimpo que ‘tá’ nos afetando, e os peixe morrendo, cheio de ferida, isso é uma vergonha!”. Levei até uma pirarara assim toda cheia de ferida “pra” lá. E tirei foto, levei lá na Secretaria. “tá’ aqui o peixe, olha! Tiraram foto, né? Aí foi como que ele pediu. (...) E o garimpeiro que tinha, ele mandou que fosse embora. “pra” não atingir o povo daqui e nem os peixes. “pra” ninguém comer peixe, né? ‘Tá’ doente desse jeito. ”

(João)



Elaboração do mapeamento sobre o rio Jandiátuba.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

DENÚNCIAS SOBRE INVASORES EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS: EXPLORAÇÃO ILEGAL DA MADEIRA, PESCA E CAÇA PREDATÓRIA



Identificação dos problemas sobre a invasão dos territórios pesqueiros.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

“ Os principais problemas enfrentados na comunidade, são os invasores, os madeireiros que vão tirar madeira sem a autorização da comunidade. Nós preservamos nossos lagos pensando no futuro da comunidade e muitos pescadores têm invadido, muitas pessoas que invadem dizendo ser donos da terra. Hoje, com 33 anos de idade, não tenho nenhuma lembrança dessas pessoas plantando, cuidando da terra e invadem alegando serem donos. São pessoas de fora da comunidade do próprio município e até da capital. Já tivemos fatos em que tivemos que recorrer a FUNAI no Município de Tabatinga, onde a FUNAI tomou providências e pediu para que se retirassem já que a nossa terra é indígena. E essa é a dificuldade que temos em relação a esses invasores dentro das

nossas aldeias. Temos problemas também, com a caça ilegal e a pesca com pessoas de outras comunidades, com os próprios parentes e pessoas que vem do município invadindo nosso território. ”

(Melquides Ventura Néto)
Liderança Comunitária

“ Lá da nossa [Comunidade] o que acontece é com o eu já disse, é só esses dois caras que moram dentro dos lagos né. Que é o de cima, chamam 'Manel' (...) eu não sei bem o nome dele. Esse que aponta a espingarda sempre 'pro' Raimundo Filho. E o peruano que ele se identifica como peruano, mas não é peruano (...). O problema é que ele já derrubou, ele derrubou mais ou menos como daqui lá pro... uma distância grande, foi como daqui 'pro' meio do rio (...). Mas é ele mesmo, né? Aí ele chama já outros aí 'pra' ir serrar lá dentro da nossa área, né? do lago. (...). Pois é. Porque a gente vai lá, ele diz que ele é o dono e botou até esse meu filho... o filho dele 'pra' sair de lá tirando os espinhéis. Ele não quer deixar ninguém pescar lá dentro, o dito peruano né. Aí chama outros "pra" pescar lá dentro do lago, querendo ser o mandão mesmo de lá, né? E o lá de cima é como eu já disse, 'tô' dizendo, né?... eu quero ver é se a gente consegue tirar esse peruano daí (...) e agora os que vem ele pega e entrega os logo 'pros cara' pescarem também. Esse 'cara' que tinha os bois, junto com peruano, e tudo isso você sabe que é problema 'pra' gente né. E os de cima quando meus netos vão "pra" lá eles querem matar, quer atirar nos rapazes. (...) pois é caça e tudo que eles vão matando. (...) é madeira, é pirarucu, é pesca, é quelônio, é tudo. ”

(Raimundo)

“ Sobre a caça ilegal (...) os vizinhos, às vezes vêm o pessoal daqui da cidade. Vão muito por detrás "pra" matar os animais (...) sobre desmatamento também. Que esse pessoal que se envolve em cerrar muita madeira 'pra' vender, 'pra' fazer construção de canoa, né? Isso é que fica prejudicado. Porque, a comunidade quando precisa de uma madeira "pra" fazer uma casa, "pra" fazer uma canoa "pra" viajar, 'num' tem local bastante. Passa duas, três horas andando "pra" traz da mata, "pra" poder conseguir um pouco "pra" fazer, né? sua canoa, para construir uma casa, do mesmo jeito. Então isso que sempre a gente pede na comunidade. Mas, até hoje, ninguém pode agir dessa forma. ”

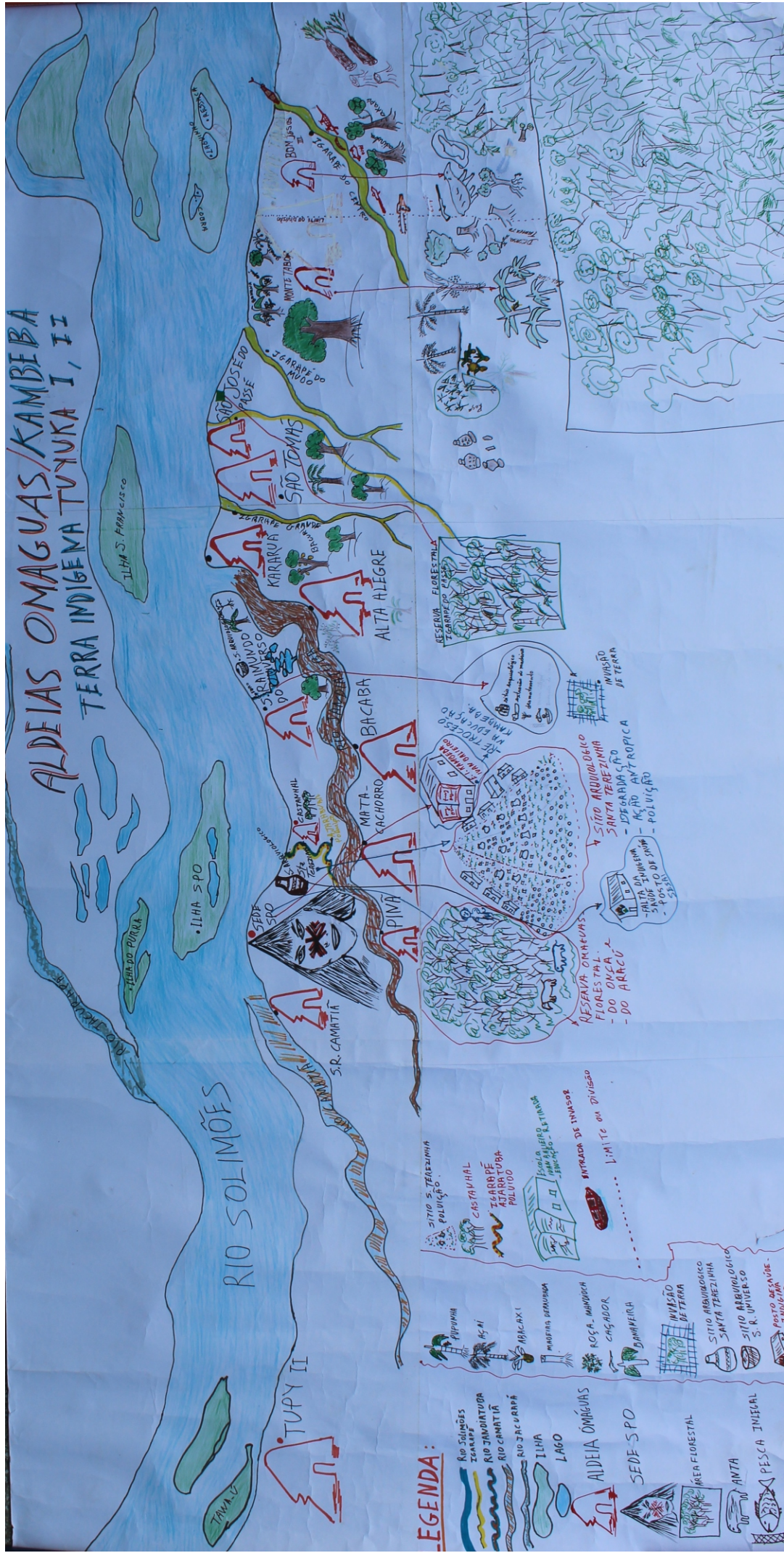
(Amarildes Ribeiro de Souza)
Liderança Indígena



Mulheres indígenas na elaboração do croqui.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

“ Bom, à pesca nos ainda não temos lago. Temos lago aí em frente e então nós preservamos esse lago. Mas mesmo assim, como é na várzea, né? Alaga tudo. Vai tudo "pro" fundo! (...) entra outras pessoas, e mesmo agora, como 'tá' na seca, tem gente invadindo os lagos. A gente vai ver se faz um pedindo "pra" eles não [invadirem]. Nós andamos assim, altas horas da noite, "pra" gente não se descuidar dos lagos que 'tá' lá. ”

(Amarildes Ribeiro de Souza)
Liderança Indígena



Croqui: Aldeias Omágua. Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2020

“ O segundo problema, que a gente vê lá diariamente, é sobre nosso lago. Que, quando ele começa a secar, ele tem muito peixe. Pirarucu, filhote grande. Tem tracajá, tambaqui e quando vem o pessoal de fora invadem. Tem dois lagos: O Marimari, e todos os lagos nossos (...), é um emendado no outro. E eles [invasores] bagunçam em todos. Eles pescam à noite. Batem com vara e fazem a pesca ilegal. E fica difícil para nossa saúde também. Porque a gente tira água do lago quando seca. Porque não temos igarapé e aí água fica toda barrenta. Se a gente for tomar aquela água fica doente. ”

(Francisdalva)
Indígena Kambeba



Croqui do Rio Jandiatuba.

Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

AUSÊNCIA DE SERVIÇOS PÚBLICOS DE LOCOMOÇÃO PARA A CIDADE



Elaboração do croqui das comunidades Kambeba no Rio Alto Solimões.
Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

“ Esse descaso que acontece é a falta de transporte também que afeta muito. Em 2012, um acidente que aconteceu com minha mãe, que até hoje não consigo esquecer. A minha mãe foi picada por uma cobra. E como não tinha transporte e eles demoraram muito para trazer ela, aí ela acabou falecendo por falta de transporte. (...) Às vezes tem que ir em qualquer canoinha que seja, emprestada daqui, emprestada dali, sem estrutura nenhuma. ”

(Francisdalva)
Indígena Kambeba

OS DESAFIOS COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

“ Nós temos problemas com a estrutura das escolas. Não tem uma escola adequada para os alunos indígenas, a escola possui sérios problemas, as paredes a qualquer momento podem desabar o fogão de fazer a alimentação dos alunos não funciona. A secretária de educação do município, todos os meses, repassa para os pais dos alunos Kambeba o valor de vinte e quatro reais para a merenda diária desses alunos e isso para o mês todo não dá. Isso é um problema muito sério, participamos de uma reunião com o MEC em Manaus, e foi repassado para a gente que os uniformes dos alunos são pagos pelo município já que mandam uma verba para a prefeitura arcar com as despesas para os uniformes de todas as comunidades indígenas. Mas o que acontece é que esses uniformes nunca chegaram para os nossos alunos. São os próprios pais que compram os fardamentos de todos os alunos da comunidade e com a merenda é da mesma forma. A merenda deveria chegar nas escolas para os nossos alunos e o que é repassado mensalmente um valor de vinte e quatro reais para a merenda diária desses alunos. ”



Croqui Comunidade Kambeba Santa Terezinha.

Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

(Melquides Ventura Néto)
Liderança Comunitária

O ARTESANATO E A CULTURA INDÍGENA KAMBEBA



Elaboração do croqui.

Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

“Sou artesã. Eu confecciono artesanato e faço colares, bordo cuinhas, faço pulseiras, tiaras que chamamos de cocar do jeito que quiser, brincos de escama de pirarucu tudo eu faço. (...) Não existe uma associação de mulheres, o trabalho é feito individualmente, as vezes quando elas precisam, por que não temos condição de bancar aqui uma associação ainda né? Então elas fazem só mesmo para o uso deles como: anturar, cestinhos, vassouras são mais fácil. (...) Ainda não, porque quando iríamos atrás de apoio, a gente não tinha apoio das pessoas da cidade aí a gente ficava assim, as vezes quando estamos com anturar ninguém consegue vender, porque essa venda é para sustento da família e não tem esse apoio. ”

(Francisdalva)

Indígena Kambeba

A PRESENÇA DA HISTÓRIA NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

“Esse é o nosso sítio arqueológico porque desde quando a gente moramos aí ele era bem preservado aí teve um tempo que aconteceu que eu casei com esse meu esposo né? ai sai de lá (...) se tendo aquele suporte lá a gente pode trazer algum turista, fazer um documento um tipo de estudo para eles então vai gerar renda para comunidade e é isso que eu penso, aí quando chegar um tempo aí, apareceu alguém aqui que chegou com um documento lá e eu não estava nesse dia, chegou dizendo que pagaria 30 reais para quem escavasse o porte (...) e ai assim pagaram meu cunhado e cavou o pote inteirinho e levaram e até hoje não disseram para onde que foi e isso é uma invasão como estou falando, invadiram lá sem permissão do cacique, sem a permissão da nossa cacique geral e né? Ela sabe quem foi, aí segundo ela me falou que já registrou um BO, mas até hoje não tem uma resposta de nada e por mim eu queria que devolvesse 'pra' mim né? Se alguém se acha gostaria que devolvesse, eu faço um apelo assim para alguém que me ajude a procurar esses potes e devolvesse para comunidade. ”



Peças arqueológicas Omágua.

Acervo: Laboratório de Cartografia Social da Amazônia. 2019.

(Francisdalva)

Indígena Kambeba

CASA DE FARINHA UM LOCAL DE TRABALHO

“Isso uma casa de farinha para fabricar farinha que é muito raro lá. Não tem é muito distante para tirar palha, né? Que a gente tira de Judiatuba, mas como os donos eles vivem lá, eles impedem de a gente tirar também a palha ai ficar difícil. Ninguém não tem palha perto de onde a gente morar, a gente precisar dessa casa de farinha para ter ai na comunidade mesmo porque a comunidade é uma ilha e quando encher ficar só aquela linha lá e tem que ir para terra firme fazer farinha para lá é outro problema porque não tem casa de forno e vão fazer farinha aonde? As vezes as pessoas juntam aquele dinheirinho para comprar um forno ali de ajuda, né? Com isso eles torram a farinha deles. ”

(Francisdalva)

Indígena Kambeba

COMUNIDADE INDÍGENA KAMBEBAS: BOM JESUS III

“ Nós, Kambebas de Bom Jesus III, somos habitantes desta terra desde os tempos imemoriais. A princípio pelos nossos progenitores, que em parte foram os Kambeba, Omágua os nossos ancestrais deixando um cemitério arqueológico neste lugar.

As lideranças desta comunidade registram o que seriam os nossos maiores problemas de conflitos de invasão territorial de nossa aldeia, por motivo de nós não termos o apoio necessário de nossa Coordenação Técnica da FUNAI - CTL local, Associação Indígena dos Kokamas - ACIK, Polícia Civil de/em São Paulo de Olivença. Neste sentido, estamos a mercê da própria sorte, vitimados pelo descaso das nossas autoridades.



Atualização do croqui.
Acervo, NCSA, 2020

Acontece a invasão de forma contínua devido o interesse da exploração de madeira para a comercialização, invasão de lagos e igarapés, tirando a subsistência da aldeia, como pesca e caça predatória, tirando os recursos materiais para a comercialização ilegal. Outro problema relatado consiste na entrada de turistas, sem a permissão em nossa terra.

Todas essas reclamações é porque queremos paz para viver neste lugar. Estamos cansados de viver ameaçados, os invasores ficam intimidando os habitantes quando andam, os invasores andam com armas de fogo nas costas, desta forma tirando a liberdade, a confiança e a paz que havia em nossa aldeia.

A população de Bom Jesus III, diante destes cenários caóticos e perigosos, queremos a intervenção e apoio de nossas autoridades para resolver este conflito, evitando que aconteça delitos neste lugar. ”

Waldeney Rabelo da Silva (Cacique), Clemente Peres Morais, Jesoina Rabelo Morais, Josias Rabelo Morais, Clóvis Rabelo Morais



Atualização do croqui.
Acervo, NCSA, 2020

MOVIMENTO DAS PARTEIRAS E SABEDORES TRADICIONAIS DO ALTO SOLIMÕES



A atenção tradicional de uma parteira em uma gestante. Ilustração Sandro Tikuna .

“ É com imensa satisfação que participo, orgulhosamente, deste trabalho que tem como objetivo monitorar e registrar os trabalhos das parteiras e médicos tradicionais (Yuucügü), pessoas que curam com os espíritos da natureza (o pajé). E como artista, ilustro este trabalho que valorizo o conhecimento empírico fitoterápico dos pajés e parteiras tradicionais. A nossa riqueza está na terra, na terra podemos formar aldeias e a floresta que cobre a terra que nos dá caça, remédios e frutas.

Da floresta vem as histórias para contar e os espíritos que ajudam a curar, nossa vida anda junto com a floresta. Conta os antigos Yuucügü (pajé) que algumas árvores e animais tem o poder de cura para ajudar no trabalho do curandeiro, quando a pessoa fica doente, chamam o pajé e o pajé chama os espíritos para curar as pessoas doentes e os espíritos entram no corpo do pajé. Há também espíritos que o pajé chama na hora de fazer o seu trabalho, o boto tocuxí e sereia, mãe das águas, a curupira e o espírito da árvore sumaumeira. ”

(Sandro do Carmo Ferreira)
Tikuna do clã Avai

COMUNIDADES RIO SOLIMÕES

SANTA TEREZINHA

- Ameaça de morte de liderança;
- Destruição do patrimônio arqueológico;
- Negação da educação escolar indígena;
- Ausência de atenção à saúde indígena.

CASTANHAL AJARATUBA

- Ameaça de morte de liderança;
- Destruição do patrimônio arqueológico;
- Negação da educação escolar indígena;
- Ausência de atenção à saúde indígena;
- Invasão de território indígena.

SÃO RAIMUNDO DO UNIVERSO

- Invasão de território indígena;
- Exploração ilegal de madeira;
- Exploração ilegal dos recursos pesqueiros;
- Destruição de patrimônio arqueológicos.

KAWARUA

- Conflito pelo uso do território/sobreposição de território com o INCRA;
- Exploração ilegal dos recursos pesqueiros;
- Precarização do ensino escolar indígena;
- Exploração ilegal de recursos madeireiros.
- Entrada e saída de garimpeiros

SÃO TOMÁS

- Precarização do ensino escolar indígena
- Ausência de atendimento à saúde indígena
- Conflito pelo uso do território
- Invasão de lagos
- Exploração ilegal de recursos madeireiros

SÃO JOSÉ DO PASSÉ

- Precarização do ensino escolar indígena
- Ausência de atendimento à saúde indígena
- Conflito pelo uso do território
- Invasão de lagos
- Exploração ilegal de recursos madeireiros

TUPY I

- Invasão de território indígena;
- Invasão de lagos;
- Ausência de atendimento a saúde indígena;
- Ausência de reconhecimento do território.

TUPY II

- Invasão de território indígena
- Invasão de lagos

MONTE TABOR

- Ameaça de morte aos moradores em geral e em particular á crianças estudantes;
- Agressão física;
- Conflitos de sobreposição de uso do território;
- Exploração ilegal de caça em território indígena;
- Invasão de lagos e pesca ilegal;
- Exploração ilegal de recursos madeireiros;
- Ausência de atendimento a saúde indígena;
- Precarização do ensino escolar indígena.

BOM JESUS III

- Invasão de território indígena
- Ameaça de morte
- Invasão dos lagos
- Exploração ilegal de madeira
- Exploração ilegal de caça
- Sobreposição do uso do território com o INCRA
- Sobreposição institucional do uso da terra
- Conflito com turismo
- Destruição de patrimônio arqueológico
- Precarização do ensino escolar indígena
- Ausência de atendimento à saúde indígena

RIO CAMATIÃ

SÃO RAIMUNDO DO CAMATIÃ

- Invasão do território indígena
- Invasão de lagos
- Ausência do ensino escolar indígena

COMUNIDADES DO RIO JANDIATUBA

ALTO ALEGRE/ BACABA/MATA CACHORRO E PINÃ

- Invasão de madeira
- Pesca ilegal
- Caça ilegal
- Problemas com mineração ilegal do garimpo
- Contaminação da água devido ao garimpo ilegal
- Precarização da saúde e escolar
- Ameaça de morte
- Conflitos de uso do território e sobreposição

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.
5. A Guerra no Território do Conde: Comunidades Tradicionais, Migrantes, Estado e Empresas na Disputa Territorial.
6. Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados Oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás.
7. Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará.
8. Raízes e Lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim
9. Comunidade Geraizeira Pindaíba-MG
10. Cartografia Social de Paracatu de Baixo, Mariana (MG)
11. **Povo Omãgua Kambeba: Mobilização Política e Resistência nos Territórios Indígenas do Alto Solimões**



Apresentação dos Croquis.

Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Realização:

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Movimento do
Povo Kambeba de
São Paulo de Olivença

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia



Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia